

Firmino Rodrigues Silva, companheiro daquele desde os tempos de *O Cronista*, de que fizera parte também Josino do Nascimento. Justiniano redigira, em 1836, *O Atlante. O Brasil* circulou até 1852. Justiniano esteve ainda em jornais de vida curta, depois: *O Novo Brasil*, o *Correio do Brasil*, *O Constitucional*, *O Regenerador*, e participou da redação da *Revista Popular*, em 1861, colaborando em outras folhas, como a *Revista do Instituto Científico*, de S. Paulo. Justiniano José da Rocha não tipifica apenas o jornalismo áulico, em que tanto se destaca; tipifica também a conjugação entre imprensa e literatura, que se firma então e vai dominar até quase o nosso tempo⁽¹¹³⁾. Na fase anterior, essa não era a regra: Cipriano Barata, Soares, Borges da Fonseca não eram homens de letras, a rigor, mas tão-somente jornalistas. Mais ainda os panfletos e os pasquinhos. Não havia, então, nos jornais, espaço para as letras. Estas ficavam relegadas às revistas e jornais especializados, apenas literários, e de vida efêmera quase sempre. Assim, a imprensa política era uma, a imprensa literária era outra.

Quando a primeira declina, com a consolidação do predomínio do latifúndio, começam a fundir-se. Sem falar na *Niterói*, redigida em Paris, em 1836, por D. J. Gonçalves de Magalhães e M. A. Porto Alegre, cuja importância, para a história da imprensa brasileira, é praticamente nula, é impossível omitir a *Minerva Brasiliense*, que circulou na Corte, entre 1843 e 1845, e principalmente a *Guanabara*, que durou mais, de 1851 a 1855. Outras foram menos importantes, como a *Iris* (1848-1849), o *Beija-Flor* (1849-1852), a *Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano* (1850-1861), a *Revista do Instituto Científico* (1860-1864), a *Revista Popular* (1859-1862). É a imprensa do Romantismo, como observou exatamente Sílvio Romero: “O estudo das revistas do tempo, nomeadamente a *Revista do Instituto Histórico*, a *Minerva Brasiliense* e a *Guanabara*, facilita a reconstrução narrativa do Romantismo brasileiro. Foi o tempo em que Magalhães, Porto Alegre, Varnhagen, Torres Homem, Pena, Macedo, Gonçalves Dias, Nunes Ribeiro, Adet Bourgain, Norberto Silva, Melo Moraes,

(113) Justiniano José da Rocha (1812-1862) nasceu no Rio de Janeiro, fez os primeiros estudos em França e formou-se em Direito em S. Paulo. Fundou o *Atlante*, em 1836, e, depois, *O Cronista*, com Josino do Nascimento Silva e Firmino Rodrigues da Silva, combatendo Feijó. Professor do Pedro II e da Escola Militar, distinguiu-se como educador e membro do partido conservador, cujo órgão, *O Brasil*, dirigiu. Desaparecido este, fundou o *Correio do Brasil*, *O Constitucional* e *O Regenerador*, este em 1860 e que foi o último que redigiu. Deputado à Assembleia Geral, em 1843, não conseguiu ser reeleito, voltando, entretanto, entre 1850 e 1856. Escreveu os panfletos *Ação, Reação, Transação* (1855) e *Monarquia-Democracia* (1860) e deixou uma *História Parlamentar e Política do Império do Brasil*. Porta-voz conservador, pena alugada, Justiniano é apresentado, pela historiografia oficial, como o nosso “maior jornalista”, sem que, para isso, tivesse tido condições.